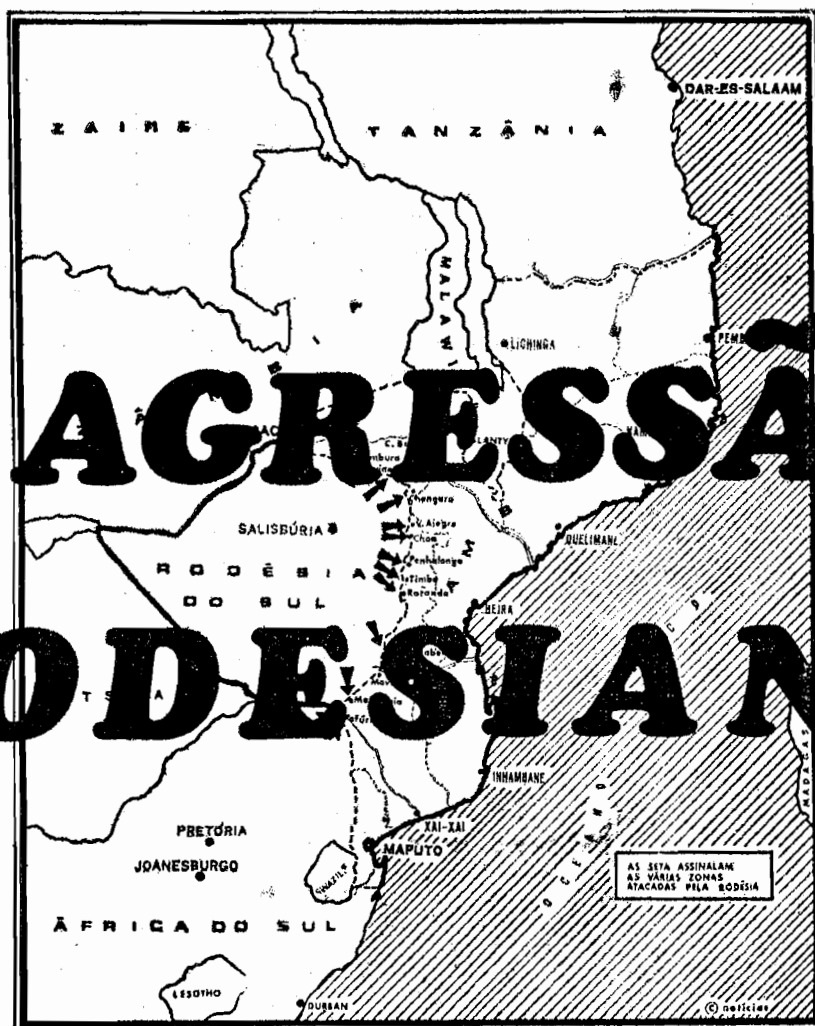


notícias

suplemento

A AGRESSÃO RODESIANA



A LUTA DO POVO DO ZIMBABWE
É TAMBÉM A NOSSA LUTA

INTERNACIONALISMO MILITANTE: UMA CONSTANTE DA NOSSA LUTA

No dia dos Heróis Moçambicanos, 3 de Fevereiro, o Presidente Samora Machel fez um apelo às massas trabalhadoras e ao povo moçambicano em geral para que uma parte do seu salário fosse consagrada à criação de um Banco de Solidariedade para com a luta dos povos oprimidos e ainda para fazer face, em situações de emergência, às calamidades naturais, assim como a projectos prioritários de reconstrução nacional.

Por decisão do Comité Central da FRELIMO, os trabalhadores e o povo moçambicano, passam agora a responder a tal apelo materializando desta forma a palavra de ordem «**Façamos do Internacionalismo Militante uma Constante da Nossa Luta.**»

O povo moçambicano, sob a justa e correcta direcção da FRELIMO sempre teve o apoio de outros povos irmãos no decorrer da vitoriosa luta armada revolucionária e popular de libertação nacional.

Na verdade todos os povos são aliados na luta contra os seus inimigos, aqueles que os oprimem, exploram e dominam.

Hoje, que o povo moçambicano já alcançou a independência nacional, graças aos heróicos e abnegados esforços consentidos, e também, ainda que não de uma forma determinante, ao apoio militante de outros povos, está em condições de compreender o que é o internacionalismo militante e a Honra e Dever que tem em materializar tal princípio.

Honra e Dever esses que assumem uma dimensão histórica, em especial, devido à fase da luta em que se encontram envolvidos os povos africanos, particularmente do Zimbábue, da Namíbia e da África do Sul.

Uma clique racista, fanática tipo nazi, que representa os interesses de uma minoria de brancos, grandes proprietários, impõe ao povo do Zimbábue, uma guerra sangrenta de opressão. Mas onde há opressão há resistência, há revolução, e por isso, o povo do Zimbábue, da arma na mão intensifica a luta armada de Libertação Nacional, em defesa dos justos interesses, em defesa da liberdade, liberdade para todas as pessoas, sem distinção, de raça, cor ou credo religioso.

Também o povo moçambicano não será totalmente livre enquanto os seus irmãos africanos, em particular o povo do Zimbábue o não for também.

Por este motivo as classes trabalhadoras e o povo moçambicano, em geral, vão fazer de resposta ao apelo do Presidente Samora Machel, um meio, uma exigência para se engajarem no processo revolucionário nacional e internacional, de modo ainda mais profundo.

Todos os povos são irmãos entre si, entre eles não há contradições antagónicas, isto é, os interesses que os povos defendem e os objectivos que perseguem, não se opõem. As contradições antagónicas, só podem existir entre os povos e os seus inimigos, aqueles que os oprimem, os subjugam e exploram.

É a necessidade de ultrapassar esta contradição principal e a compreensão da natureza do inimigo comum que faz com que ali se forge o princípio do internacionalismo militante e se cimentem as formas de materialização deste princípio.

Os povos da Tanzânia e da Zâmbia aliados naturais do povo moçambicano, nossos irmãos, constituem exemplos verdadeiros da prática do internacionalismo militante.

Com efeito durante o processo revolucionário de luta armada de libertação nacional, eles apoiaram o combate do povo moçambicano, consentindo esforços e sacrifícios da própria vida.

Dez anos de longa, dura e heróica luta armada permitiram ao povo moçambicano, por outro lado, conhecer em toda a sua extensão a natureza criminosa, bárbara do imperialismo na sua forma retrógrada expansionista, o colonialismo. No combate vitorioso contra o colonialismo, o povo moçambicano sob a direcção da FRELIMO apercebeu-se dos aliados do seu inimigo principal — o imperialismo.

Este cruel inimigo internacionaliza a sua agressividade ao proceder ao ataque e à pilhagem dos vários povos e suas riquezas naturais, assumindo nessa sua política de tentativa de domínio várias formas e utilizando diversas táticas.

Da necessidade de destruir e da própria prática combativa, contra tais formas e táticas do imperialismo, como o neocolonialismo, surge a frente mundial anti-imperialista que materializa o internacionalismo militante.

A prática do internacionalismo militante dá-nos oportunidade de melhor entendermos a luta de classes no plano interno e a sua perspetivação a nível internacional.

Entende-se melhor quem está interessado em sabotar a economia moçambicana, a produtividade do nosso País, pois que produzimos mais e melhor é criar condições para ajudar os outros povos irmãos em luta contra o inimigo comum.

Assim, materializando com dedicação e ardor combativo o princípio do internacionalismo militante contribuímos para consolidar a nossa Independência Nacional, o que significa abreviar a vitória contra o inimigo interno, os reacçãoários nacionais, e o inimigo externo, o imperialismo e todos os seus lacaios.

«FAÇAMOS DO INTERNACIONALISMO MILITANTE UMA CONSTANTE DA NOSSA LUTA.»

Rodésia: o pânico da burguesia racista

«O regime criminoso e irresponsável de Ian Smith desencadeou uma guerra de agressão contra a República Popular de Moçambique. Menos de dezoito meses depois de ter assinado o acordo de paz com Portugal, de novo o povo moçambicano é forçado a fazer face às agressões desesperadas dum colonial-fascista.»

Tais palavras proferidas aquando da comunicação oficial do Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique em reunião com o Conselho de Ministros, quadros das F.P.L.M., individualidades estrangeiras e órgãos de imprensa nacionais e estrangeiros, clarifica mais uma vez os métodos pelos quais se regem as cliques minoritárias, as forças em pânico, perante o processo da tomada do poder por parte das classes exploradas.

Hoje como sempre a luta de classes constitui elemento fundamental no desenvolvimento da história — dum lado as forças reacçãoárias, escravagistas, feudais, capitalistas, por outro, as massas exploradas lutando pela sua emancipação, pela destruição do sistema opressor.

Cada recuo dos reacçãoários, traduz a luta, o esforço desenvolvido pelas massas para o aniquilamento da opressão.

Significa também que aqueles que tentam lutar contra a história, aqueles que pretendem «travar o vento com as mãos», enquanto não destruídos totalmente, procurarão sempre novas manobras, novas formas tendentes a perpetuar a exploração, a dominação de classe sobre a maioria explorada.

Vejamos o caso concreto da Rodésia: Onde vamos encontrar explicação para o enfraquecimento de conversações entre o regime minoritário de Smith e o ANC do Zimbábue, com o fim de transferir o governo para a maioria?

Este facto surge como corolário da alteração das forças em presença na África Austral.

Por acaso não é o povo que detém o poder em Moçambique?

Não será a FRELIMO um movimento que assume em plena consciência o dever internacionalista e militante de apoio a todos os povos que lutam pela libertação da humanidade e da África em particular?

O governo ilegal de Smith, representante dos interesses dos colonos brancos, é forçado a mudar de tática perante a derrocada final do império colonial português.

Face à situação de impasse surgida nas negociações, recrudescem as acções de guerrilha, cessam as tréguas do regime de dominação e opressão rodésiano.

A este intensificar da luta responde o regime racista tentando apagar o «fogo com gasolina».

É então que utilizando o argumento de «perseguição cerrada de terroristas além fronteiras», os racistas desesperados desencadeiam abertamente uma agressão directa contra o povo moçambicano.

Também neste aspecto os racistas rodésianos não foram originais nem vieram acrescentar algo de novo à história.

Como hoje, ontem, agressões idênticas foram perpetradas contra os povos que se libertavam da opressão.

Que conclusões tirar deste repelir da história?

Por detrás destas agressões encontramos a sanha assassina da classe dominante, a burguesia em pânico perante a minúcia de ser varrida da história, de ser expulsa dos seus privilégios e poderes.

Acreditar que o inimigo aceita calmamente a tomada de poder por parte dos povos oprimidos da humanidade é um grave erro de ingenuidade. Os imperialistas têm como objectivo último a exploração dos povos e quando estes se decidem a tomar as rédeas do seu futuro organizando-se em estado progressista, eles recorrem a toda uma série de agressões que vão desde a sabotagem económica e subversão ideológica até à agressão armada descarada e brutal.

Moçambique é a confirmação destas afirmações. Os acontecimentos de 17 e 18 de Dezembro do ano passado mostram claramente a acção do imperialismo no nosso país, assim como a sabotagem económica (fuga ilegal de divisas, baixa de produção, etc.), e a subversão ideológica (difusão de boatos alarmistas e reacçãoários, difusão da ideologia e valores burgueses).

Estas lentativas têm esbarrado com a crescente tomada de consciência política e ideológica do povo moçambicano organizado e dirigido pela FRELIMO, o que faz com que o imperialismo utilize outras formas de agressão consideradas mais eficazes. A invasão é, portanto, a prova segura de que o povo moçambicano está consciente dos seus interesses e representa o recurso desesperado do imperialismo para impedir que o nosso País actue militantemente no interesse de África.

Acção semelhante encontramos aquando da tomada de poder pelo povo soviético, após a Revolução de Outubro de 1917, em que o território soviético foi alvo da maior agressão militar desencadeada pelas hordas nazis na Segunda Guerra Mundial. O povo da União Soviética sofreu na carne a bárbara agressão nazi — cerca de 20 milhões de pessoas morreram na defesa da liberdade. É o povo chinês, quando se prepara para construir uma sociedade de acordo com os seus interesses, que sofre a invasão do solo pátrio dos imperialistas japoneses. É o caso da malograda invasão, perpetrada a partir da Baía dos Porcos por fuzileiros navais norte-americanos e renegados cubanos especialmente treinados nos Estados Unidos, contra a República Socialista de Cuba.

É o caso da Coreia e do Vietname, e mais recentemente, do Camboja, Laos e Angola. É o caso da agressão sionista levada a cabo por forças de Israel contra os territórios árabes.

Recentemente a África do Sul, reflecte

(Continua na Página 11)

HOJE DE NOVO A FRELIMO CHAMA O POVO PARA DEFENDER A PÁTRIA ATACADA

— Presidente da República em comunicação ao País
sobre as agressões a Moçambique das tropas racistas da Rodésia

Camaradas Membros do Comité Central;
Membros do Comité Executivo;

Camaradas Membros do Conselho de Ministros;

Camaradas Responsáveis do Partido, Estado e das FPLM;

Excelências, Senhores Embaixadores e Encarregados de Negócios acreditados na República Popular de Moçambique,

Senhores membros da Imprensa nacional e estrangeira;

Compatriotas:

Em nome do Comité Central da FRELIMO e do Conselho de Ministros da República Popular de Moçambique venho informar-vos que moçambicanos, moçambicanas, homens, mulheres, velhos, crianças estão a ser mortos. O nosso território está a ser atacado, o nosso Povo está a ser massacrado, a República Popular de Moçambique está a ser agredida.

O regime criminoso e irresponsável de Ian Smith desencadeou uma guerra de agressão contra a República Popular de Moçambique. Menos de dezoito meses depois de ter assinado o acordo de Paz com Portugal, de novo o Povo moçambicano é forçado a fazer face as agressões desesperadas dum colonial-fascista.

Depois de uma longa série de provocações

armadas contra a República Popular de Moçambique, na noite de 23 para 24 de Fevereiro, as forças do regime racista de Ian Smith desencadearam um ataque em larga escala contra o território nacional, concentrado contra as povoações de Pafúri e Mavué. O ataque iniciou-se às 21 horas do dia 23 e prolongou-se pelo dia 24. No dia 24 tiveram lugar bombardeamentos aéreos. Participaram no ataque aviões a jacto, bombardeiros, helicópteros, tropas de artilharia e infantaria.

Em consequência do ataque criminoso das forças racistas contra a zona de Pafúri foram mortos:

1. Albertina Maguguzo Cossa, 36 anos de idade;
2. Lucas Valentim Judício, 36 anos de idade;
3. Picane Milane, 29 anos de idade;
4. Laurentina Valentim 18 meses.

Foram feridos:

1. Ester Judício, 60 anos de idade;
2. Muhlave Mulave, 48 anos de idade;
3. Feniassse Vilanculos, 22 anos de idade;

4. Phefu Mulave, 21 anos de idade;
5. Berta Nhampule, 19 anos de idade.

Desaparecido:

1. Sabão Munhangane, 65 anos de idade.

No ataque contra Mavué três mulheres e uma criança foram assassinadas e um homem e uma criança de onze anos feridos. Os combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique, com o apoio das forças paramilitares da Alfândega e Migração, repeliaram o invasor, punindo-o severamente, tendo abatido dois aviões a jacto e um helicóptero. Dez combatentes sofreram ferimentos diversos, estando dois deles gravemente feridos. Dois outros camaradas sacrificaram as suas vidas na defesa do Povo e da nossa soberania.

Este acto constitui uma agressão aberta, um acto de guerra. "Ele é um verdadeiro crime contra a Paz e um crime de guerra tal como foi definido pelo Tribunal Internacional de Nuremberga.

Por que nos ataca Ian Smith? Por que nos faz guerra o regime racista de Salisbúria? O que o leva a assassinar mulheres e crian-

(Continua na página seguinte)



COMUNICAÇÃO DE SAMORA MACHEL



(Continuação da página anterior)

gas, a queimar casas, a massacrar pacíficos camponeses?

Para responder correctamente a esta pergunta teremos que dizer que Ian Smith faz isso, porque foi isso o que sempre fez contra Moçambique. Em 1965, quando proclamou a sua pseudo-independência, Ian Smith engajou-se na guerra colonialista portuguesa de agressão contra o nosso Povo. Assim, as suas tropas foram enviadas na época para a Província de Niassa.

Desde então, o regime de Salisbúria habituou-se a cometer crimes contra o nosso Povo, tornou-se um viciado da agressão contra Moçambique. Até ao fim da guerra colonial-imperialista, as forças de Ian Smith participaram em gravíssimos crimes contra o nosso Povo, em Niassa, em Tete, em Manica.

Nos tristemente célebres massacres de Mucumbura, participou activamente a soldadesca de Ian Smith. Em Agosto-Setembro de 1973, as tropas de Salisbúria participaram activamente na grande ofensiva tripartida desencadeada contra o distrito de Zumbo. Em Março-Abril de 1974 foram numerosos os aviões rodesianos abatidos a norte do Zambeze, quando bombardeavam as populações das zonas libertadas e os seus haveres.

Se as provocações e as agressões armadas do regime de Salisbúria diminuíram no período de Transição em favor da subversão, do recrutamento e treino de bandos armados de mercenários e assassinos, elas foram rápida e progressivamente intensificadas no período que se seguiu à independência, até atingirem a presente fase de guerra de agressão.

Sem pretendermos fazer uma lista exhaustiva das acções inimigas nos últimos seis meses, podemos salientar:

1. Na Província de Tete:

Na segunda quinzena de Agosto de 1975 é detido na zona da Albufeira de Cabora Bassa, um grupo rodesiano que pretendia introduzir ilegalmente na República uma soma equivalente a 35 mil contos em dinheiro rode-

siano, destinados à compra de moeda nacional no mercado negro.

Em 27 de Agosto tropas racistas penetram na localidade de Cendo na zona de Luíla e raptam um elemento da população. Dias depois, no dia 30, no mesmo local, assassinam um camponês e ferem dois outros.

Em 1 de Setembro, tropas racistas organizam no nosso território uma emboscada à força que patrulhava a zona de Luíla a Mucumbura e ferem três camaradas.

No dia 20 de Janeiro de 1976, ainda na zona de Luíla, o inimigo, tendo minado os caminhos, uma patrulha faz deflagrar uma mina antipessoal, tendo um dos nossos combatentes perdido uma perna. Pouco depois duas viaturas com tropas inimigas penetraram em território nacional apoiadas por dois helicópteros e dois aviões de reconhecimento.

A partir de 17 de Fevereiro, a força aérea começou a violar sistematicamente o espaço

Apoiaremos moral e politicamente, organizando-nos nos nossos Grupos Dinamizadores para estudarmos e aprendermos da luta de Zimbabwe, para viver na nossa carne e nervos a luta de Zimbabwe. Apoiaremos cantando sobre a luta e o nosso dever internacionalista de apoiar; apoiaremos explicando a luta, discutindo sobre a luta; apoiaremos aceitando sacrifícios, superando sacrifícios, para cumprir o nosso dever internacionalista.

moçambicano nas zonas de Mucumbura, Luíla, Chioco e Changara.

2. Província de Manica:

Em 5 de Agosto de 1975, em Vista Alegre, quando a população capinava, as tropas inimigas abriram fogo. Uma patrulha nossa ocorreu

Vamos aplicar a nossa energia criadora, para defender a nossa independência e apoiar os nossos irmãos de Zimbabwe.

Para isso:

1. Nas paróquias, nos bairros, nas escolas, nos hospitais, nas fábricas, nos escritórios, nas lojas, nas machambas, nos pcos, nos rios, em toda a parte devemos construir abrigos antiaéreos. Com estes abrigos protegemo-nos dos ataques do inimigo.

Construiremos os abrigos depois das horas de trabalho normal.

Intensifiquemos a criação dos bairros comunais que nos permitirão a melhor organização de defesa.

As FPLM devem elevar o seu nível político e técnica militar e apoiar as massas na organização da sua defesa.

em socorro e neutralizou o fogo inimigo. No dia seguinte as forças racistas, apoiadas por um helicóptero, penetraram às 9 horas cerca de um quilómetro em território nacional. O helicóptero abriu fogo, atingindo mortalmente um combatente. O inimigo foi repellido às 13,30 horas.

Em 11 de Agosto na mesma zona, um grupo de infantaria inimiga penetrou no território nacional, dirigiu-se para norte de Vista

Alegre. As nossas forças intervieram obrigando o inimigo a retirar-se.

No dia 13 de Agosto, um helicóptero vio-

O regime criminoso e irresponsável de Ian Smith desencadeou uma guerra de agressão contra a República Popular de Moçambique. Menos de dezoito meses depois de ter assinado o acordo de Paz com Portugal, de novo o Povo moçambicano é forçado a fazer face às agressões desesperadas dum colonial-fascista.

lou o espaço aéreo em Vista Alegre. No mesmo momento em Timba, uma força inimiga de infantaria, tendo penetrado em território nacional para cometer crimes, foi punida por uma patrulha nossa, abandonando quatro cadáveres.

Em 28 de Agosto na mesma zona, o inimigo abriu fogo ferindo um combatente.

Em 31 de Agosto o inimigo penetrou em Timba perto do rio Nhangalula e saqueou uma loja, depois de ferir uma criança no braço e outra nas nádegas, tendo ainda assassinado um camponês de nome Penzura Apalekwamanja. A soldadesca racista manteve-se no território nacional das 9 às 14 horas, abrindo fogo diversas vezes.

Em 14 de Setembro em Rotanda, o inimigo abriu fogo com morteiro de 120 mm. As nossas forças ripostaram tendo obrigado o inimigo a silenciar-se. O inimigo sofreu quatro baixas.

Em 16 de Dezembro em Inhamacaze as forças racistas assassinaram dois civis.

Em 9 de Janeiro de 1976 um avião inimigo viola o espaço aéreo em Espungabera às 10,30 horas. Na véspera aviões inimigos bombardearam uma zona vizinha.

Em 28 de Janeiro uma companhia reforçada, com o apoio de 4 helicópteros e 3 aviões

penetrou 1,5 quilómetros na zona de Penhalonga.

Em 8 de Fevereiro às 4 horas o inimigo penetrou com dez helicópteros na região de Espungabera, tendo bombardeado a zona de Mude.

3. Província de Gaza:

Em 11 de Novembro de 1975, 4 aviões violam durante quinze minutos o espaço aéreo em Choa, tendo sido expulsos pelo fogo das baterias antiaéreas.

Em 4 de Fevereiro de 1976 cerca das 24 horas polícias racistas tentam penetrar na zona de Malvéria. São repellidos pelos nossos combatentes.

Em 6, 7, 13, 14 e 15 de Fevereiro as nossas forças são obrigadas a abrirem fogo contra aviões inimigos que violam o nosso espaço aéreo.

Em 14 de Fevereiro cerca das 24 horas, o inimigo penetrou na zona de Pafúri com forças de infantaria, artilharia e começou a maltratar as populações. Capturou um camponês, tendo

(Continua na página seguinte)

A República Popular de Moçambique, para apoiar a luta de libertação do Povo de Zimbabwe, em conformidade com as decisões da Organização das Nações Unidas e da Organização da Unidade Africana, a partir de hoje, 3 de Março de 1976, encerra todas as suas fronteiras com a colónia britânica da Rodésia do Sul; proíbe qualquer forma de comunicação com o território dominado pelo regime racista; impede a passagem pelo seu território e espaço aéreo de qualquer tráfego de pessoas e mercadorias em proveniência ou com destino à Rodésia do Sul. A República Popular de Moçambique aplica integralmente as sanções à colónia britânica da Rodésia do Sul.

Ian Smith tentou apagar a fogueira que acendeu com a sua opressão, cometendo crimes tentando envolver outros países no conflito que desencadeou já na sua terra. Como um louco, ele procura apagar o fogo derramando gasolina.

COMUNICAÇÃO DE SAMORA MACHEL



sores, que sempre negaram a existência das lutas de libertação

Ian Smith tenta apagar a fogueira que acendeu com a sua opressão, cometendo crimes, tentando envolver outros países no conflito que desencadeou já na sua terra. Como um louco, ele procura apagar o fogo, derramando gasolina.

Ian Smith quer transferir para o nosso país as contradições e a luta que existem no seu território.

Ian Smith, nos seus ataques criminosos do dia 24, deliberadamente violou o espaço aéreo da África do Sul para nos atacar a partir da África do Sul, a fim de desviar a nossa atenção do alvo, para provocar um conflito maior, um conflito à escala do Subcontinente. No seu desespero de agressor condenado à derrota, Ian Smith procura por todos os meios provocar uma guerra generalizada a toda a África Austral, com a esperança criminosa de travar a sua queda aumentando o número de destruições e de cadáveres.

Ian Smith quer transferir para o nosso país as contradições e a luta que existem no seu território. Ian Smith, nos seus ataques criminosos do dia 24, deliberadamente violou o espaço aéreo da África do Sul para nos atacar a partir da África do Sul, a fim de desviar a nossa atenção do alvo, para provocar um conflito maior, um conflito à escala do Subcontinente. No seu desespero de agressor condenado à derrota, Ian Smith procura por todos os meios provocar uma guerra generalizada a toda a África Austral, com a esperança criminosa de travar a sua queda aumentando o número de destruições e de cadáveres.

Fracassará, como sempre fracassaram todos os que se erguem contra os Povos, todos os que ousam atacar o Povo. Ian Smith será varido da História, como o foram antes dele outros colonialistas.

A guerra é em Zimbabwe. A guerra resulta da exploração e opressão do regime de Ian Smith contra o Povo de Zimbabwe. A guerra terminará com a vitória inevitável do Povo de Zimbabwe.

Camaradas, Compatriotas:

Libertámos a Pátria do colonialismo. Hoje devemos defender a nossa Pátria atacada, devemos apoiar o combate justo do Povo irmão de Zimbabwe.

Para levarmos a cabo a nossa tarefa, necessitamos da força invencível da nossa unidade, da nossa organização. A nossa liberdade é defendida pela imensa energia criadora do Povo organizado e dirigido pela FRELIMO.

Vamos aplicar a nossa energia criadora, para defender a nossa independência e apoiar os nossos irmãos de Zimbabwe.

Para isso:

1. Nas povoações, nos bairros, nas escolas, nos hospitais, nas fábricas, nos escritórios, nas lojas, nas machambas, nos poços, nos rios, em toda a parte devemos construir abrigos antiaéreos. Com estes abrigos protegemo-nos dos ataques do inimigo.

Construiremos os abrigos depois das horas de trabalho normal.

Intensifiquemos a criação dos bairros comu-

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)
terido ainda duas outras pessoas, um homem e uma mulher.

As FPLM apoiadas pela Polícia Aduaneira intervieram às 4,20 horas. Dois aviões a jacto e três helicópteros vieram então socorrer o inimigo.

No curso do combate foi abatido um bombardeiro por volta das 13 horas, tendo-se despenhado cerca de 10 km já, no interior do território inimigo.

Camaradas, Excelências, Compatriotas:
Este pequeno enunciado não exaustivo das provocações e agressões armadas de Ian Smith, ao longo das fronteiras entre a República Popular de Moçambique e a colónia britânica da Rodésia do Sul, demonstra a persistência do regime racista em querer desencadear uma guerra de agressão contra o nosso Povo e o nosso Estado.

O regime opressor que faz face à insurreição armada do Povo de Zimbabwe, que se encontra isolado internacionalmente, procura resolver as suas contradições internas alastrando o conflito.

A República de Botswana e a República da Zâmbia, têm sido como nós vítimas de inumeráveis acções criminosas por parte do regime de Salisbúria.

Ian Smith pretende negar a justeza da luta de libertação do Povo de Zimbabwe, tentando fazer crer que se há guerra no Zimbabwe é porque forças estrangeiras o querem.

Agindo assim, Ian Smith está apenas a imitar os colonialistas portugueses e outros agres-

Somos ardentes defensores da Paz. Vivemos dez anos submetidos à guerra colonial-imperialista de agressão. Estamos pois bem conscientes dos sacrifícios que a defesa da nossa liberdade e independência exigem.

Mas tudo aceitamos hoje, como ontem e fizemos. As nossas fronteiras foram seladas pelo sangue do nosso Povo. O nosso dever internacionalista foi fecundado pelos inúmeros sacrifícios dos Povos do Mundo inteiro.



COMUNICAÇÃO DE SAMORA MACHEL



das ou baixarem de nível. E como resultado principal disso, compatriotas nossos, trabalhadores, poderão temporariamente ficar desempregados.

É dever de todos nós apoiá-los, criando as condições para que eles possam trabalhar. O trabalho principal que temos, onde as nossas condições nos permitem absorver todos os desempregados, é nas zonas rurais, na agricultura e pecuária. Todos que ficarem afectados no seu trabalho, poderão com o apoio do Estado, organizar-se em Aldeias Comuns e iniciar a produção agrícola e pecuária.

4. Como cumprir o nosso dever internacionalista para com o Zimbabwe?

Apoiando a luta de Zimbabwe, estamos a defender Moçambique. Apoando o desenvolvimento do combate dos nossos irmãos de Zimbabwe estamos a afastar o inimigo das nossas fronteiras, consolidamos a nossa independên-

ta, discutindo sobre a luta; apoiaremos aceitando sacrifícios, superando sacrifícios, para cumprir o nosso dever internacionalista.

Apoiaremos materialmente produzindo, produzindo para alimentar e vestir o nosso Povo, produzindo para alimentar e vestir os combatentes que defendem as nossas fronteiras, produzindo para alimentar e vestir os nossos irmãos guerrilheiros de Zimbabwe. Apoiaremos materialmente reduzindo as nossas importações, deixando de importar o que não seja fundamental para a economia do país.

Apoiaremos materialmente dando todos os meses: a nossa contribuição ao Banco de Solidariedade que criámos em 3 de Fevereiro. Dia dos Heróis Moçambicanos.

Camaradas, Excelências, Compatriotas:

A República Popular de Moçambique existe há pouco mais de oito meses. Desde o início da sua existência que ela declarou com firmeza que o seu dever internacionalista não era objecto de compromissos ou negociações.

Somos ardentes defensores da Paz. Vivemos dez anos submetidos à guerra colonial-imperialista de agressão. Estamos pois bem conscientes dos sacrifícios que a defesa da nossa liberdade e independência exigem.

Mas tudo aceitamos hoje, como ontem o fizemos. As nossas fronteiras foram seladas pelo sangue do nosso Povo. O nosso dever internacionalista foi fecundado pelos inúmeros sacrifícios dos Povos do Mundo inteiro.

É consciente desta realidade, que o Comité Central da FRELIMO e o Conselho de Ministros da República Popular de Moçambique, me mandaram para tomar as medidas apropriadas, destinadas a salvaguardar a inviolabilidade das nossas fronteiras, a integridade territorial e a soberania da República Popular de Moçambique. Igualmente me mandaram, para tomar as decisões necessárias para assegurar o apoio internacionalista da FRELIMO, do nosso Estado e do nosso Povo, à justa luta de libertação do Povo irmão de Zimbabwe.

As agressões de Ian Smith já misturaram o nosso sangue ao sangue do Povo de Zimbabwe.

A República Popular de Moçambique, para apoiar a luta de libertação do Povo de Zimbabwe, em conformidade com as decisões da

(Continua na página seguinte)

Por causa da agressão inimiga algumas actividades económicas poderão ficar paralisadas ou baixarem de nível. E como resultado principal disso, compatriotas nossos, trabalhadores, poderão temporariamente ficar desempregados.

É dever de todos nós apoiá-los, criando as condições para que eles possam trabalhar. O trabalho principal que temos, onde as nossas condições nos permitem absorver todos os desempregados, é nas zonas rurais, na agricultura e pecuária. Todos que ficarem afectados no seu trabalho, poderão com o apoio do Estado, organizar-se em Aldeias Comuns e iniciar a produção agrícola e pecuária.

(Continuação da página anterior)

nais que nos permitirão a melhor organização de defesa.

As FPLM devem elevar o seu nível político e técnico militar e apoiar as massas na organização da sua defesa.

2. Devemos ter a produção organizada. Durante a guerra de libertação dissemos sempre: a produção apoia a guerra e a guerra cria as condições para produzirmos melhor.

Por isso:

- devemos acelerar a formação das aldeias comuns, onde organizados produziremos; onde, organizados, nos defenderemos contra o inimigo;
- devemos aumentar a produção nas nossas fábricas;
- devemos tornar mais rápido e eficiente o nosso trabalho nos portos, nos caminhos de ferro, na aviação. Devemos ser mais rápidos e eficientes na construção e reparação de estradas, de casas e prédios.
- queremos que cada trabalhador em conjunto com os seus camaradas, discuta e encontre os meios de produzir mais, melhor e mais rápido.

3. Por causa da agressão inimiga algumas actividades económicas poderão ficar paralisadas ou baixarem de nível. E como resultado principal disso, compatriotas nossos, trabalhadores, poderão temporariamente ficar desempregados.

Fracassará, como sempre fracassaram todos os que se erguem contra os povos, todos os que ousam alacar o povo. Ian Smith será varrido da História, como o foram antes dele outros colonialistas.

A guerra é em Zimbabwe. A guerra resulta da exploração e opressão do regime de Ian Smith contra o povo de Zimbabwe. A guerra terminará com a vitória inevitável do povo de Zimbabwe.

cia e criamos condições para que se estabeleça a Paz. Por isso, dizemos, o apoio, a solidariedade não são esmola, não são favor, são uma ajuda mútua entre forças que combatem pelo mesmo objectivo.

O nosso apoio ao justo combate dos nossos irmãos de Zimbabwe é:

- Um apoio moral;
- Um apoio político;
- Um apoio material.

Apoiaremos moral e politicamente, organizando-nos nos nossos Grupos Dinamizadores para estudarmos e aprendermos da luta de Zimbabwe, para viver na nossa carne e nervos a luta de Zimbabwe. Apoiaremos cantando sobre a luta e o nosso dever internacionalista de apoiar; apoiaremos explicando a lu-



COMUNICAÇÃO DE SAMORA MACHEL



Povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo, para defender a Pátria atacada.

Excelências, Senhores Embaixadores e Encarregados de Negócios acreditados na República Popular de Moçambique:

Todos os vossos países condenaram firme e unanimemente a rebelião racista de Ian Smith. Os vossos países preconizaram sanções contra o regime criminoso.

A medida tomada pelo nosso Estado corresponde às exigências de toda a Humanidade em viver livre da dominação colonial e racista.

Este é o combate do Povo moçambicano e também de toda a África, de toda a Humanidade progressista.

Estamos conscientes que os vossos Povos e os vossos Estados saberão ser solidários connosco neste momento difícil, em que o nosso País é vítima da agressão desencadeada pelo regime minoritário, criminoso.

Dirigimo-nos à África, para que esteja

so sangue como no passado, virão fecundar, cimentar e consolidar a nossa Unidade, a nossa Independência, as nossas conquistas revolucionárias.

Combatentes das FPLM e massas populares, unidos vencerão o inimigo, esmagarão o agressor que viola a Paz e vem massacrar o nosso Povo.

Rendemos uma homenagem vibrante a todos os nossos camaradas que se sacrificaram e inspirados no seu exemplo, unidos pela FRELIMO, desenvolvendo a nossa produção, reforçando a nossa Vigilância, construiremos a nossa vitória.

Firmemente dizemos — A LUTA CONTINUA!

E como ontem repetimos — INDEPENDÊNCIA OU MORTE! VENCEREMOS!

A LUTA CONTINUA!

— 0 —

- Devemos acelerar a formação das aldeias comunais, onde organizados produziremos; onde, organizados, nos defenderemos contra o inimigo;
- Devemos aumentar a produção nas nossas fábricas;
- Devemos tornar mais rápido e eficiente o nosso trabalho nos portos, nos caminhos de ferro, na aviação. Devemos ser mais rápidos e eficientes na construção e reparação de estradas, de casas e prédios;
- Queremos que cada trabalhador em conjunto com os seus camaradas, discuta e encontre os meios de produzir mais, melhor e mais rápido.

(Continuado da página anterior)

Organização das Nações Unidas e da Organização da Unidade Africana, a partir de hoje, 3 de Março de 1976 encerra todas as suas fronteiras com a colónia britânica da Rodésia do Sul; proíbe qualquer forma de comunicação com o território dominado pelo regime racista; impede a passagem pelo seu território e espaço aéreo de qualquer tráfego de pessoas e mercadorias em proveniência ou com destino à Rodésia do Sul. A República Popular de Moçambique aplica integralmente as sanções à colónia britânica da Rodésia do Sul.

A República Popular de Moçambique confiscará todos os bens pertencentes ao regime ilegal, às firmas sediadas no território da colónia britânica da Rodésia do Sul, e aos cidadãos desse território que reconheçam o regime ilegal.

Moçambicanas:

Moçambicanos:

Em 25 de Setembro de 1964 para libertar a terra e os homens, a Pátria oprimida, o Comité Central da FRELIMO proclamou a insurreição geral do Povo moçambicano. Hoje, de novo a fim de garantir a defesa do território nacional o Comité Central da FRELIMO chama o

connosco, para que nós apoiemos na defesa da nossa soberania e na libertação do Continente.

Dirigimo-nos aos nossos aliados naturais, os países socialistas, para que estejam connosco como exemplarmente sempre estiveram, apoiando o nosso Povo trabalhador a defender

A declaração do Presidente da República Popular de Moçambique foi feita às 10.15 horas no Palácio da Presidência. Além dos membros do Conselho de Ministros e quadros Superiores do Partido, do Estado e das F.P.L.M. já referidas, encontrava-se presente uma delegação do Conselho Nacional Africano (ANC) do Zimbabwe chefiada pelo bispo Abel Muzorewa. Mais de duas dezenas de representantes da informação nacional e estrangeira fizeram a cobertura do acontecimento para os respectivos órgãos de informação e agências noticiosas.

Durante a alocução, o Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique foi por diversas vezes interrompido com prolongadas salvas de palmas, nomeadamente ao anunciar as medidas que o Comité Central da



a sua Revolução e a cumprir o seu dever internacionalista.

Dirigimo-nos a todos os nossos amigos, a todos os Estados que prezam a liberdade e a Paz, para nos apoiarem a defender a nossa liberdade e a restabelecer a Paz justa na nossa zona.

Camaradas,
Compatriotas:

Iniciamos uma nova fase da nossa Revolução, uma fase em que o nosso sacrifício, o nos-

FRELIMO tomou para fazer face à agressão da Rodésia contra o nosso país e o apoio do povo moçambicano à luta justa do povo de Zimbabwe.

Mais tarde, finda a reunião, os jornalistas puderam contactar algumas das vítimas dos bombardeamentos criminosos dos exércitos do regime minoritário de Ian Smith em Moçambique, internadas no Hospital Militar de Maputo, conforme noticiamos noutro local desta edição.

Como cumprir o nosso dever internacionalista para o Zimbabwe?

Apoiando a luta do Zimbabwe, estamos a defender Moçambique. Apoando o desenvolvimento do combate dos nossos irmãos de Zimbabwe estamos a afastar o inimigo das nossas fronteiras, consolidamos a nossa independência e criamos condições para que se estabeleça a Paz. Por isso, dizemos, o apoio, a solidariedade não são esmola, não são favor, são uma ajuda mútua entre forças que combatem pelo mesmo objectivo.

RODÉSIA DO SUL

DE RODHES A SMITH

• HISTÓRIA DE UMA COLÓNIA

O facto de o Presidente Samora Machel se ter referido ao inimigo que nos ataca como «colónia britânica da Rodésia do Sul» causou um certo espanto entre as pessoas a quem a propaganda colonialista tinha habituado a considerar a Declaração Unilateral de Independência como facto consumado e irreversível.

Na prática e perante a comunidade internacional a verdade é completamente outra. Uma declaração unilateral de independência só adquire aquelas características se for acompanhada pelo reconhecimento internacional generalizado da existência da nova nação.

Ora, até este momento, nenhum país, de ponto nenhum do mundo, reconheceu a independência da colónia britânica. Perante a comunidade internacional é a Inglaterra que responde pela governação do território. O pretendo governo de Ian Smith não passa de um grupo rebelde que se apoderou do poder pela força e se mantém no poder devido às indecisões de uma Inglaterra demasiado conservadora para usar métodos drásticos numa altura em que eles eram manifestamente necessários.

Desta indecisão, por um lado, e da violência que nunca foi poupada pelo outro, é vítima o povo irmão do Zimbabwe há longos anos e começámos a ser nós durante a nossa própria luta de libertação nacional.

Para que o leitor se aperceba das raízes da actual situação procuraremos dar-lhe uma panorâmica do que foi a colonização da Rodésia, desde os tempos de Cecil Rhodes até ao momento actual.

No período áureo do Império Britânico, uma ideia guiava os exploradores ingleses: Criarem uma faixa ininterrupta de território britânico que fosse do Cabo da Boa Esperança até ao Cairo, no Egipto.

Cecil Rhodes era um dos defensores da ideia, ideia essa muito reforçada pelas perspectivas de lucros importantes que as explorações mineiras prometiam nas regiões a norte da África do Sul.

A rainha Vitória, ao conceder-lhe autorização para criar a Companhia Inglesa da África do Sul, com território na actual Rodésia, inaugurou a história moderna da colónia.

A ocupação efectiva do território é dificultada pela reacção das populações locais. As revoltas dos Matabeles e dos Mashonas só em 1897 foram sufocadas.

Entretanto a população branca fora reforçada por uma coluna de pioneiros proveniente da África do Sul.

Embora não fazendo tecnicamente parte do território britânico, a Companhia estava sujeita ao British Colonial Secretary.

Em 1918 o Comité Judicial do Conselho Privado britânico decide tomar conta do território. Para regularizar definitivamente o estatuto da zona é decidido fazer um referendo para determinar se o eleito-rado preferia integrar-se na África do Sul, já independente desde 1910, ou continuar na dependência britânica embora com um «governo responsável».

O referendo realizou-se em 1922 e venceu a segunda hipótese por 8744 votos (59,4 por cento) contra 5979 votos (40,6 por cento). Estes números dão-nos, de resto, uma ideia das dimensões da população branca na zona na medida em que o eleitorado apenas incluía cerca de seis negros, missionários ou criados vindos na coluna dos pioneiros. A população da zona, como sempre na História colonial, não foi tida nem havida na questão.

Em consequência do referendo, a 12 de Setembro de 1923 a Rodésia foi incluída no território britânico. A 1 de Outubro entrava em funções o primeiro «governo responsável».

Consolidada a sua posição, os colonos iniciam a publicação de legislação discriminatória.

Em 1927 é publicado o «Native Affairs Act» que permite prender, fixar residência ou expulsar qualquer negro.

Em 1931 é colocada uma das pedras essenciais de todo o sistema com a aprovação da «Land Appointment Act» que divide o território em zonas para brancos e zonas para negros. Já no período da Companhia tinham sido instituídas reservas indígenas para as populações que pretendessem continuar a viver de forma tradicional, mas agora a questão era diferente. Enquanto no sistema da Companhia o terreno para além das reservas podia pertencer a qualquer pessoa independentemente da sua raça, pela nova lei todo o terreno era dividido de acordo com um critério racista.

Os europeus receberam imediatamente as melhores terras, as mais irrigadas e servidas por melhores vias de comunicação. Foram-lhes atribuídos cerca de 53 por cento das terras aráveis, apesar de serem uma minoria no conjunto da população. De resto, grande parte destas terras foram deixadas incultas aguardando a chegada de novos colonos. Em 1957, dos 12 838 500 hectares atribuídos aos colonos, apenas 445 500 estavam cultivados.

A colónia foi prosperando sem encontrar grandes dificuldades. A população negra continuava privada de qualquer direito de cidadania. Em verdade, só se viram reconhecidos como cidadãos no período da Guerra em que foram chamados a morrer pela pátria (Inglaterra) em luta contra sistemas que pretendiam oprimir o povo inglês.

Entretanto a população branca ia crescendo de forma acentuada. Com o fim da guerra o processo acelerava-se ainda mais. Partindo de cerca de 80 000 por altura de 1945 sobe para cerca de 140 000 em 1950 para atingir hoje à volta de 220 000.

A população negra igualmente ia crescendo, embora os dados sejam menos exactos, devendo andar agora pelos 4 000 000 de indivíduos.

Em 1953 a Inglaterra decide unir três das suas colónias formando a Federação das Rodésias e Niassalândia. Devido à desproporção da população branca desses territórios (157 000 na Rodésia do Sul, 32 000 na Rodésia do Norte e 9 000 na Niassalândia) a Rodésia do Sul dominou politicamente a Federação, procurando explorar em seu proveito as enormes riquezas mineiras da Rodésia do Norte.

As populações negras nunca aceitaram esta Federação para cuja criação, como de costume, ninguém os consultou.

Até 1961 a Inglaterra mantém, teoricamente direitos exclusivos de legislação em alguns pontos da vida indígena. Esse poder nunca foi utilizado na prática.

Em Dezembro de 1961 entra em vigor uma nova Constituição. Inclui uma «declaração de direitos» com a qual se pretendia impedir a publicação posterior de legislação discriminatória. O governo nunca se preocupou, no entanto, com isso e a «declaração de direitos» não exerceu qualquer papel na prática.

É neste momento que se inicia a guerra de libertação nacional em Angola.

Nos anos que se seguem a luta estender-se-á a Moçambique e, por fim ao próprio território rodésiano. Entretanto, no Zaire recém-independente a província do Katanga tenta separar-se do conjunto do país, sob a direcção do fantoche imperialista Tchombé.

Perante todos estes conflitos a Federação veio a tomar posição. E, como é lógico, sempre do lado reacçãoário. Assim, as tropas rodésianas participam em exercícios conjuntos com as portuguesas e sul-africanas, treinando-se em práticas de contra-guerrilha. Por outro lado, o território da Federação servia para encaminhar armamento para os rebeldes do Katanga, proveniente do porto angolano do Lobito.

A população negra reage como pode contra a Constituição que lhe foi imposta. Numa votação realizada pelos movimentos nacionalistas, a esmagadora maioria dos votantes manifesta-se contra a Constituição.

Entretanto aproximava-se o fim da experiência federativa. Em Junho de 1963 a Conferência de Victoria Falls decide a dissolução da Federação a partir de 31 de Dezembro do mesmo ano. Os povos africanos exigem uma independência com governo de maioria e vão começar a tê-la.

A Rodésia do Sul, com o fim da Federação, concentra no seu território as antigas forças armadas de toda a Federação, reforçando imenso o seu poderio.

Em 1 de Julho de 1964 a Niassalândia atinge a independência tomando o nome de Malawi.

Em 23 de Outubro do mesmo ano cabe a vez à Rodésia do Norte, que passa a chamar-se Zâmbia.

Na Rodésia do Sul a luta desenvolve-se entre a minoria branca que pretende uma independência de tipo sul-africano, isto é, em que mantenham ou até aumentem os seus privilégios do período colonial, e a maioria negra que não aceita a independência se não for sob um governo que represente a maioria do povo.

A nível legal a luta é desigual. Apenas cerca de 5 por cento da população negra faz parte do eleitorado, devido às condições exa-geradíssimas que a lei põe para se ser eleitor.

Em Novembro de 1964 é realizado um plebiscito e o eleitorado (europeu) vota em massa pela independência (89,1 por cento a favor e 10,9 por cento contra).

Posta perante a exigência de uma independência sob governo branco por parte da Frente Rodésiana que ocupa o poder em Salisbury e perante a recusa das largas massas africanas de aceitar uma independência em que não seja respeitada a regra de um governo representativo da maioria do povo, a Inglaterra vai hesitar.

O governo inglês deve enfrentar um eleitorado muito conservador e bastante traumatizado por uma desapareição rápida do Império Colonial de que se orgulhava. Embora seja um governo Trabalhista (e, portanto, teoricamente de esquerda) vê uma importante ala direita do partido que apela os racistas, no que é acompanhada pela quase totalidade do partido Conservador da oposição. Harold Wilson, o primeiro-ministro, resolve apostar nesta aliança direitista contra a maioria do seu próprio partido. Numa declaração sobre o problema da Rodésia afirma que em caso nenhum enviará tropas para acabar com a rebelião dos racistas se eles declararem unilateralmente a independência.

Esta declaração retira os últimos entraves ao aventureirismo dos colonos.

(Continua na página 11)

NA FRONTEIRA DO PAFÚRI

COMBATENTES DAS F.P.L.M. DESCREVEM ATAQUES RODESIANOS

• BASE INIMIGA PERTO DA FRONTEIRA COORDENA AS INCURSÕES

«São incontáveis as vezes que as tropas rodesianas têm vindo a invadir o nosso território nesta zona do Pafúri, matando, espancando e sequestrando elementos da população. Apenas podemos salientar as grandes invasões registadas de Fevereiro para cá, principalmente nos dias 15, 24 e 25 em que o inimigo intensificou o envio de aviões a jacto, helicânhões e numerosos efectivos de soldados de infantaria para bombardear e metralhar as nossas populações» — declarou Francisco Muchanga, comandante do Destacamento das F.P.L.M. aquartelado na localidade de Pafúri, zona fronteiriça do nosso País com a colónia britânica da Rodésia do Sul na província de Gaza, durante a visita que a nossa Reportagem efectuou àquela região, juntamente com outros representantes da Informação nacional e estrangeira e correspondentes das agências noticiosas de vários países.

Situado no distrito de Chicualacuala (antiga Malvénia), Pafúri é hoje um planalto onde grandes extensões de terras cultivadas se encontram abandonadas, devido à retirada das populações junto da fronteira para os diversos círculos da localidade de Mapai, em busca de segurança, em virtude dos constantes ataques cometidos pelos soldados racistas do regime ilegal de Ian Smith.

CULTURAS E ANIMAIS PERDIDOS

«Por causa da retirada precipitada das populações existem muitas criações que se vão perder, e machambas com várias culturas que também poderão vir a perder-se» — acrescentou mais adiante o comandante Francisco Muchanga, responsável das F.P.L.M. que tem vindo a dirigir as operações de neutralização das incursões inimigas.

Os ataques ao nosso povo na área de Pafúri pelas tropas rodesianas, têm vindo a ser perpetrados a coberto da noite ou pela madrugada, existindo uma base inimiga em território rodesiano próximo da fronteira, a partir da qual são planeadas todas as operações e enviadas as forças de agressão contra as populações de Pafúri.

«Um elemento da população que conseguiu escapar, depois de ter sido raplado em sua casa, no nosso País, veio revelar-nos a existência dessa base. Disse-nos que os soldados rodesianos possuem muitas viaturas de guerra, rádios de transmissão e armamento de vários tipos e

dimensões. Disse-nos também que é através dessa base junto à fronteira que é enviada a tropa de infantaria para atacar o nosso País, e que a aviação é avisada pela rádio, nessa base, para se encontrar em determinado ponto do território moçambicano com as tropas rodesianas de infantaria» — afirmou-nos mais adiante, Francisco Muchanga.

O ATAQUE DE 15 DE FEVEREIRO

Descrevendo-nos o ataque de 15 de Fevereiro, disse em seguida:

«No dia 15 de Fevereiro o ataque iniciou-se precisamente às 5.20 horas da manhã. Primeiro apareceram dois jactos e três helicópteros. Quando chegaram aqui ao quartel fizeram um envolvimento e começaram a lançar bombas. Nós reagimos imediatamente e contra-atacamos. Entretanto, pouco depois apareceram muitos outros aviões, e alguns afastaram-se para o lado direito e começaram a bombardear aquela povoação depois das montanhas, onde mataram duas mulheres e duas crianças. Depois os helicópteros dirigiram-se para a fronteira e do lado de lá do rio, começaram a largar alguns soldados».

Prosseguindo, disse:

«Nós aqui estávamos cercados, mas as forças perto da fronteira, que entretanto vinham em nosso auxílio, juntamente com os camaradas da alfândega, desdobraram-se e um grupo ficou a enfrentar os soldados largados pelos helicópteros, enquanto outro depois de fazer um anel, ganhava tempo

para que pudessemos deslocar as nossas antiaéreas que tinham sido descobertas pelos bombardeiros».

Concluindo, adiantou:

«Decorridas seis horas e meia de intenso fogo, conseguimos, por fim, abater dois jactos e um helicóptero. Quando viram os seus companheiros a cair, os ou-

-nos e começaram a fazer fogo, ferindo um dos nossos companheiros. Respondemos e progredimos em várias posições, e o fogo intensificou-se».

Fizemos uma pequena interrupção para perguntar como eles vinham fardados, sendo-nos respondido que os soldados rodesianos têm uma farda de tipo camuflado, e



Dois combatentes das F.P.L.M. descrevem-nos o ataque de 24 de Fevereiro pelas tropas rodesianas

ros aviões bateram em retirada. E nós então avançamos para a fronteira, onde ajudamos os outros grupos a pôr o inimigo em fuga. No final do combate, tínhamos quatro camaradas feridos, alguns com gravidade, tendo sido todos evacuados para Xai-Xai e para Maputo. Assim foi, mais ou menos, o ataque que nós sofremos no dia 15 de Fevereiro».

A INVASÃO DE 24 DE FEVEREIRO

Os combatentes Zeca Uzeque Trinta e Rosário Reis Mafumba, do Destacamento das F.P.L.M. de Pafúri, contaram-nos do seguinte modo, o ataque das tropas racistas de Ian Smith ao nosso País em 24 de Fevereiro do corrente ano:

«Eram duas horas da madrugada, quando eles entraram naquela margem, e começaram a ameaçar o povo, espancando à coronhada e pontapeando mulheres e crianças. Queriam homens para os levar com eles. Então um elemento do povo correu a avisar-nos.

Nós fomos para lá, e encontramos um grupo de perto de 50 soldados armados.

Enquanto um dos nossos companheiros vinha dar a situação ao camarada chefe, nós tomamos posições. Eles descobriram

que usam quase sempre calções.

«A farda deles é de um verde amarelado e outras vezes acastanhada. Os soldados de cor branca pintam o rosto com um pó preto para se camuflarem de nacionalistas do Zimbabwe. Há também soldados rodesianos pretos. E quando querem rapiar elementos da população moçambicana, dizem que são guerrilheiros do Zimbabwe, e como actuam sempre de noite, só mais tarde é que o elemento raplado vem a descobrir aqueles que pintaram a cara de preto».

SETE HORAS DE COMBATE

Realizando a descrição do ataque de 24 de Fevereiro, aqueles combatentes prosseguiram:

«Quando eram cinco horas da manhã, apareceram três helicópteros e dois jactos para apoiar a infantaria rodesiana. O helicóptero descobriu onde estavam as nossas antiaéreas e lançou uma «morfeirada», mas foi cair muito longe. Nós reagimos logo e conseguimos abatê-lo quando tomava posição para disparar de novo. O combate prosseguiu, e os camaradas que tinham chegado com o camarada chefe utilizaram

(Continua na página seguinte)



O comandante Francisco Muchanga, do destacamento das F.P.L.M. em Pafúri falando à nossa Reportagem

NA FRONTEIRA DO PAFÚRI

(Continuado da página anterior)
uma boa estratégia e conseguiram expulsar a infantaria. Os soldados da infantaria fugiram a disparar assim... (com a posição da arma ao ombro disparavam no sentido inverso ao da corrida).»

Dando por terminada as suas declarações, acrescentaram:

«Poranto, só ficou a aviação que continuou a lançar bombas e a metralhar sem grande sucesso, pois apenas conseguiu destruir algumas habitações, matar algumas cabeças de gado e arrasar algumas machambas. As populações, que já só tinham restado poucas aqui na fronteira, retiraram-se para 50 ou mais quilómetros daqui. Nós conseguimos depois abater um jacto — já tínhamos deixado abaixo um helicóptero — que foi cair já no território rodésiano. Com esta situação os outros aviões retiraram-se em fuga, quando já passava do meio-dia».

pela soldadesca rodésiana, em incursões de pequenos grupos de infantaria. E que nessas incursões o inimigo não tem conse-

personas, para malar e ferir populações, destruindo as suas habitações. Mas quando nós chegamos lá disparam a fugir, e só



Uma cápsula e uma das balas de avião disparadas pelas tropas rodésianas em Pafuri

camos a fazer fogo, e eles responderam, mas um deles que parecia ser o chefe do grupo avistou um dos nossos camaradas e gritou: «afinal não é do Zimbabwe, este são os da FRELIMO, vamos embora», ao dizer isto já estava a fugir, atravessando a fronteira para a Rodésia». — disse-nos a concluir um dos combatentes das F.P.L.M.

Por outro lado, há também casos de violação do nosso espaço aéreo pelas tropas rodésianas, como este que nos contou o comandante Francisco Muchanga:

«Ontem, de manhã, apareceu um avião rodésiano que entrou um pouco no nosso território e regressou logo. Depois, no pequeno espaço da fronteira entre a Rodésia e o nosso território, começou a fazer uma série de manobras de provocação, voltando para o território da Rodésia e avançando um pouco até ao tal espaço livre por cima da fronteira. Não sei porque é que fez isso, acho que foi uma pura provocação, e nós, preparados embora, não aliamos enquanto não entrasse no nosso território, a não ser que ele atirasse sobre nós. Depois de alguns minutos, foi-se embora».

OUTRAS AGRESSÕES

Foi-nos, depois, dito que além dos ataques descritos, muitas outras invasões têm vindo a ser sistematicamente cometidas

guido avançar mais de um quilómetro para cá da fronteira.

«Nos muitos outros ataques, os rodésianos só aparecem em grupos de 20 a 30

resistem durante algum tempo quando têm apoio da sua aviação. Uma vez, eles vieram e quando os avisamos aproximámo-nos eram quase 5.30 horas da manhã. Come-

FERIDOS NO ATAQUE AO PAFÚRI DESCREVEM ACONTECIMENTOS

Repetimos hoje a publicação de uma reportagem feita no Hospital de Maputo, onde se encontram internadas algumas das vítimas da violenta agressão perpetrada pelas tropas que apoiam o desumano regime de Ian Smith.

«Eram quase nove horas da manhã. Um barulho enorme veio do céu. Alguns jactos e helicópteros apareceram a voar baixo, junto às casas. A população atemorizada, escondia-se como podia. Veio

depois o tiroteio. Tomámos posições para procurarmos expulsar o inimigo. As metralhadoras dos jactos e dos helicópteros começaram então a despejar balas sobre as populações indefesas. Um dos aviões

inimigos, atingido, veio a cair por terra. As casas ficaram destruídas pelo fogo. Retirei para o rio, mas fui perseguido por um helicóptero que atirou sobre mim, ferindo-me no braço esquerdo e

na barriga» — o relato é de Jones Eroque, combatente das F.P.L.M., que se encontra hospitalizado no Hospital Militar de Maputo, vítima do ataque levado a cabo pelas forças racistas de Ian Smith.

Com ele encontram-se hospitalizados mais cinco combatentes, igualmente feridos em consequência do criminoso ataque das tropas rodésianas, na manhã do passado dia 24 de Fevereiro, à área do Pafuri, província de Gaza.

Na tarde de ontem alguns jornalistas moçambicanos e estrangeiros deslocaram-se àquele estabelecimento hospitalar para dialogar com os feridos.

Celestino Tomé, também destacado no Mavúé, conta-nos como se deu o ataque.

«Foi tudo muito rápido. Enquanto as populações se engajavam nas suas tarefas diárias, apareceram os aviões a atirar bombas. Houve uma grande confusão, uns a fugir, outros a tentar esconder-se.

«Respondemos ao fogo inimigo, mas isso não invalidou que alguns dos camaradas nossos morressem ou ficassem feridos».

Numa enfermaria encontramos Berta Nhapula, uma jovem de 19 anos de idade, ferida no couro cabeludo. «Estava sentada com a minha família. Ajudava a cortar umas couves. Foi quando vieram os tiros. Um deles feriu-me na cabeça, felizmente sem grande gravidade».

Registamos ainda o depoimento de José Almoço, que nos disse: «Nós resistimos ao inimigo, como pudemos. Os aviões vinham baixos a atirar sobre as populações indefesas. Houve feridos e um camarada nosso perdeu a vida. Peguei a arma, escondi-me por detrás de um muro. Ainda consegui atingir dois soldados rodésianos. Foi então que me atingiram na barriga, sendo, com mais três camaradas meus, evacuado para o Hospital de Massingire».



Uma das vítimas da agressão rodésiana ao Pafuri conta aos jornalistas pormenores dos acontecimentos

RESPONSÁVEIS ESCLARECEM ACTUAL SITUAÇÃO NACIONAL

A importância da organização do povo em aldeias comunais, a intensificação da produção e o internacionalismo militante, foram os lemas principais das diversas reuniões que se efectuaram em todo o País logo após a comunicação feita pelo Presidente Samora Moisés Machel acerca da agressão de que o nosso povo está a ser vítima, por parte do regime racista da colónia britânica da Rodésia do Sul.

Não só na capital, como em todo o Moçambique, os grupos dinamizadores efectuaram reuniões populares, durante as quais explicaram, ponto por ponto, o que

foram concretamente as agressões sofridas. Igualmente foi salientada a necessidade de apoiar a justa luta do povo irmão do Zimbabwe contra um governo opressor minoritário.

As massas trabalhadoras, estudantes e todos aqueles que fazem o nosso povo têm assistido, enquadrados pelas suas estruturas políticas, a comícios em que responsáveis definem qual a acção a desenvolver para combater o inimigo que lenta e minar a Independência nacional. Igualmente foi salientada a importância de que se reveste a necessidade da construção de

abrigo, como medida para fazer face a possíveis ataques que nos possam ser dirigidos pelos racistas rodésianos.

Durante as jornadas que vêm sendo efectuadas, para além de ser salientada a real importância do internacionalismo militante e consequente apoio total à luta do povo do Zimbabwe, é igualmente posta

em destaque a necessidade da intensificação da produção — melhor forma de combater os ataques que nos são dirigidos.

Nas fotos podem ser vistos responsáveis explicando o actual momento que se vive em Moçambique, bem como parte de uma das muitas reuniões populares que têm sido efectuadas.



RESPONSÁVEIS DO PARTIDO TÊM REALIZADO SESSÕES DE ESCLARECIMENTO SOBRE A LUTA DO POVO ZIMBABWE. A GRAVURA REFERE-SE A UMA DAS SESSÕES



ASSISTÊNCIA NUMA SESSÃO DE ESCLARECIMENTO

O PÂNICO DA BURGUESIA RACISTA

(Continuado da página 2)

lindo o desespero que reina entre as suas hostes define como zona de defesa toda a extensão africana a sul do Equador. Que poderemos esperar no futuro de tal posição?

Ao mesmo tempo que exerce um domínio colonial na Namíbia e desencadeia uma agressão militar contra a República

Popular de Angola, o regime racista de Pretória mostra as suas intenções expansionistas na África Austral.

Hoje, como ontem, as formas são idênticas, os intervenientes são diferentes, mas a classe promotora de tais atentados é a mesma.

A.C. E.F.L.

RODÉSIA DO SUL

CONTINUADO DA PÁGINA 8

A partir de aí Wilson pode desdobrar-se num sem-número de iniciativas diplomáticas que o resultado será sempre nulo. Nem mesmo a viagem que realizou à Rodésia em Outubro de 1965 afastou Ian Smith dos seus intuitos.

A 5 de Novembro é decretado o estado de emergência que vai permitir prender e controlar a maior parte dos dirigentes nacionalistas e a 11 de Novembro, sem prévia consulta seja de quem for, o bando reaccionário de Smith proclama unilateralmente a independência.

Recordando o que dissemos no princípio, ainda nenhum país do mundo reconheceu a Rodésia como independente. A Inglaterra decidiu-se pelas pressões económicas contra Smith mas sem qualquer resultado. Por influência dos países africanos e da comunidade britânica o Conselho de Segurança das Nações Unidas decreta igualmente o boicote económico da Rodésia, mas a cumplicidade dos racistas sul-africanos e dos colonialistas portugueses sempre fizeram fracassar todas essas tentativas.

Perante a incapacidade manifesta da Inglaterra de resolver a questão na sua colónia, o povo decidiu tomar o seu destino nas mãos e iniciou a luta armada de libertação.

É esta a situação actual: Encurralado pela luta do povo, isolado internacionalmente, com a África do Sul, seu único apoio, cada dia mais reticente no auxílio a conceder a tão incómodos aliados, o regime de Smith vê o seu fim aproximar-se rapidamente.

A decisão de Moçambique de encerrar as fronteiras e todas as relações económicas com a Rodésia foram mais uma machadada no tronco já apodrecido da opressão racista no nosso continente.

Esta breve história do colonialismo na Rodésia fica incompleta. A luta do povo do Zimbabwe lhe porá fim e dentro de pouco tempo.

M. G.

BIBLIOGRAFIA:

- A África Austral da Hegemonia Branca — Arnauld Durban.
- Os Alicerces da Política Branca — Artigo do jornal «The Central African Examiner» de Salisbúria.
- Os Rodésianos Esquecidos — David R. Smock.
- A Jogada Rodésiana — Guy Bosschére.



REACÇÕES INTERNACIONAIS À DECISÃO DE MOÇAMBIQUE

Várias foram as repercussões a nível internacional, à histórica declaração do Presidente Samora Machel, no passado dia 3 de Março. Os primeiros países a solidarizarem-se com as medidas anunciadas e a nossa justa posição foram os nossos irmãos da Tanzânia, da Zâmbia, da Guiné Conakry, da África progressista, da OUA. Publicamos a seguir algumas das notícias que revelam essa solidariedade combativa e militante.

DAR-ES-SALAAM — O jornal tanzaniano «Uhuru», órgão oficial da TANU, condenou resolutamente as bárbaras atrocidades cometidas pelas tropas do regime racista de Ian Smith contra as pacíficas populações das povoações de Pafúri e Mavué. As táticas de aniquilamento, escolhidas pelos racistas, não podem mais fazer parar o crescente movimento de libertação no Zimbábue, afirmou o «Uhuru».

Tais atrocidades desumanas demonstram o pânico que reina nos racistas e mais uma vez mostram a feia face do colonialismo e racismo. A sua natureza selvagem demonstrada tanto no Vietname como em Wiriama, em Moçambique.

A luta armada no Zimbábue, salienta

aquele jornal, continuará até o regime de Ian Smith concordar nos justos pedidos da maioria africana de um Governo nacionalista.

APOIO DE KAUNDA

LUSAKA — O Presidente Kenneth Kaunda da Zâmbia, afirmou num comunicado que Moçambique ao encerrar as suas fronteiras com a Rodésia praticara um acto de «enorme coragem e compromisso para com a causa da liberdade e da justiça para toda a humanidade».

No comunicado o Presidente Kaunda afirmou que o encerramento das fronteiras é um «grande sacrifício que nenhum país do Mundo pode compartilhar com o povo

moçambicano» e, acrescentou que a Zâmbia «está ao lado de Moçambique, tanto no sucesso como nos momentos de sacrifício, até a vitória ser conseguida pelo povo do Zimbábue».

GRANDE SATISFAÇÃO DA OUA

ADIS-ABEBA — A Organização da Unidade Africana acolheu «com grande satisfação» a decisão de Moçambique de encerrar as suas fronteiras com a Rodésia.

Num comunicado publicado em Adis-Ababa, o secretário-geral da OUA salienta que esta medida «histórica e corajosa, honra não só Moçambique como a África inteira».

O secretário-geral fez um apelo aos países membros da OUA «para que eles concedam toda a assistência à República Popular de Moçambique nesta hora do grande sacrifício que a jovem República faz pela África».

SOLIDARIEDADE DO COMITÉ DE LIBERTAÇÃO

O Secretário Executivo do Comité de Libertação da OUA, coronel Haschim Mbita enviou uma mensagem ao Governo moçambicano em que expressa a sua solidariedade para com a decisão de Moçambique de encerrar as fronteiras com a colónia britânica da Rodésia do Sul. O Comité de Libertação da OUA apoia totalmente as medidas tomadas pela República Popular de Moçambique contra a Rodésia e mostra-se certo de que o regime de Ian Smith «cairá inevitavelmente sob os golpes das forças de libertação nacional do Zimbábue. Ele terá o mesmo destino que o colonialismo português teve em Moçambique».

APOIO DE SÉKOU TOURE

ABIDJAN — O Presidente Sékou Touré, Secretário-Geral do Partido Democrático da Guiné e Presidente da República da Guiné está pronto a apoiar militarmente

Moçambique contra o regime racista e ilegal da Rodésia, segundo informou a rádio Conakry captada em Abidjan.

Numa mensagem enviada ao Presidente Samora Machel, Sékou Touré dizia «A Guiné está sempre pronta a intervir em todos os domínios, políticos, diplomáticos, militares e outros, para que as legítimas aspirações dos povos que ainda estão sob a dominação de regimes coloniais e racistas possam triunfar».

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO VIETNAME SOLIDARIA COM A R. P. DE MOÇAMBIQUE

HONG-KONG — A República Democrática do Vietname condenou os ataques, a violação da fronteira e do espaço aéreo moçambicano por parte de forças do regime minoritário e ilegal de Ian Smith.

Numa mensagem enviada à FRELIMO o Comité de Solidariedade do Vietname com os Povos da Ásia e África adiantou que o Governo da RDVN apoiava a justa luta do povo da República Popular de Moçambique pela defesa da sua soberania e integridade territorial.

A mesma fonte de informação, a rádio de Hanói captada nesta cidade, revela que o Governo da República Democrática do Vietname condenou ainda vigorosamente os racistas e reacçãoários rodesianos pelos bombardeamentos criminosos em algumas regiões fronteiriças de Moçambique.

RESPOSTA FAVORÁVEL DAS NAÇÕES UNIDAS

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque) — O Secretário-Geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, disse estar confiante de que aquela organização mundial responderia favoravelmente a qualquer pedido de Moçambique para compensar as consequências económicas provocadas pela aplicação total das sanções contra a Rodésia.

Mais tarde, Kurt Waldheim lançou um apelo a todos os países para que ajudem a República Popular de Moçambique.

FACE ÀS AGRESSÕES RODESIANAS

Trabalhadores da Câmara de Maputo estudam construção de abrigos

— Prosseguem no País manifestações de apoio

Os trabalhadores da Câmara Municipal de Maputo, sob orientação da respectiva Comissão Administrativa, iniciaram o estudo dos métodos de construção de abrigos anti-aéreos nos setores de trabalho, respondendo desta forma à palavra de ordem recentemente dada pelo Partido e pelo Governo em face da agressão das forças de Ian Smith contra regiões fronteiriças da República Popular de Moçambique.

Numa reunião que constituiu grande jornada de apoio à luta do povo do Zimbábue, os funcionários dos diversos departamentos, camarários analisaram as formas de assumir corretamente as medidas anunciadas pelo Presidente Samora Machel.

No distrito de Moamba, Província de Maputo, teve lugar igualmente uma manifestação de apoio às decisões tomadas, bem como reuniões a nível de responsáveis para estudar a melhor forma de as materializar.

Por outro lado, os responsáveis políticos de Metangula, Niassa, reuniram com a população para coordenar os trabalhos de construção de abrigos. Seguiu-se um desfile em que os populares, orientados pelos grupos dinamizadores, se declararam dispostos a lutar para defesa do País.

Também em Quelimane teve lugar um comício de apoio, presidido pelo Governador da Zâmbia e ao qual estiveram presentes membros do Partido, do Governo e das Forças Populares de Libertação de Moçambique e centenas de populares. Nesta reunião, os presentes foram esclarecidos sobre as medidas tomadas pelo Comité Central da FRELIMO e pelo Conselho de Ministros para assegurar a defesa e integridade territorial de Moçambique e contribuir, moral e materialmente, para o avanço da luta do povo do Zimbábue.